

A diplomacia do presidente

Há políticos que consomem toda uma existência buscando, sem sucesso, a Presidência da República. São almas empenhadas num projeto político ou simplesmente vocacionadas para a luta. Outros chegam lá por acaso e surpreendem-se num universo jamais imaginado. Para os dois casos temos exemplos recentes no Brasil, sem que seja necessário declinar nomes. O caso do presidente Fernando Henrique Cardoso, que passou a vida treinando para ser chanceler, mas terminou presidente, é singular. A presença dele em Londres, por conta de sua diplomacia presidencial, justifica a divagação.

Fernando Henrique Cardoso teve de chegar ao Palanalto, numa parceria com o destino, para exercer a todo gás a vocação natural de diplomata. Da eleição ao quinto mês de mandato, já percorreu ou tem agendados os mais interessantes caminhos das relações internacionais. Os sucessos políticos do presidente nas últimas semanas — entre um encontro de FH com Bill Clinton e outro com John Major — sugerem até que o Boeing oficial faz bem ao ânimo de Sua Excelência. O primeiro mundo parece energizar Fernando Henrique, um ex-militante socialista lapidado no exílio.

O Boeing é uma carroça de quase 30 anos — mas aí do presidente brasileiro que torrar o Tesouro na compra de condução apresentável. Paciência. A bordo do KC-137 da FAB, Fernando Henrique tenta abrir sua picada no circuito dos mandachuvas. Nunca lhe faltou charme, mas precisava de um discurso para deixar e ser mais um na multidão. O discurso caiu em seu colo quando o craque mexicano assustou a banca e os governos dos países ricos. O peixe que o presidente do Brasil vende é o da nova ordem financeira internacional, que está virando sua marca registrada.

Fernando Henrique busca sair do anonimato internacional com a proposta de criar controles governamentais para a jogatina do hot money. Credencia-se em

parte pelo sucesso — hoje estrondoso, se comparado ao do México — do plano brasileiro de estabilização. Também estende a mão aos desafortunados da economia global, pregando uma relação de mais solidariedade e menos usura com os fundos de desenvolvimento, tipo Banco Mundial e BID.

A ocasião é mesmo apropriada para o presidente brasileiro se firmar como interlocutor dos grandes e porta-voz dos que não são. Faliu o delírio mexicano e o argentino Carlos Menem precisa passar, esta semana, por um teste eleitoral quase tão difícil quanto sua nova prova econômica. Os 50 anos da vitória dos aliados na Europa caíram do céu para FH. O Brasil foi convidado para a festa porque, entre 1944 e 1945, mandou 26 mil soldados à

Itália, 454 deles sepultados no campo de Pistoia. Quando a Argentina se lembrou de declarar guerra ao Eixo, em abril de 1945, os soviéticos do marechal Zhukov já haviam cercado Berlim.

Menem é o dói dos privatistas ingleses, mas foi barrado no baile por conta de um general-presidente que, há 50 anos, fechou negócio com os nazistas. Fernando Henrique vestiu uniforme de pracinha para mais uma investida de diplomacia presi-

dencial. Sabe que os resultados não são imediatos, mas vai persegui-los porque gosta de combater nesse terreno.

Fernando Collor bem que tentou ser uma referência, mas não passou de um globe-trotter. Hoje, conceda-se, é uma referência, mas não gosta de ouvir de quê. José Sarney viajou bastante, mas só foi compreendido em portunhol, precisamente junto ao Rio da Prata.

Os militares, quase todos monoglotas, tratavam a imagem do Brasil no Exterior na base do pau-de-arara. Itamar Franco tinha receio de todos que não falassem nosso idioma. Tanto que se inibe, até hoje, em assumir a embaixada em Lisboa.

Fernando Henrique Cardoso acredita que, para ser um bom presidente, é necessário ser melhor chanceler.



■ Ricardo Amaral é jornalista

Fernando Henrique acredita que para ter sucesso é necessário ser um bom chanceler